



## CHINA E PORTUGAL

# Empresas energéticas investem em África

## Angola e Moçambique são os destinos prováveis do investimento conjunto

Cerca de dois anos após a China Three Gorges passar a ser o principal accionista da EDP – Energias de Portugal começam a ganhar dimensão e forma projectos de investimento conjuntos em África, afirmam responsáveis das duas empresas.

Marques da Cruz, administrador da EDP, disse numa cimeira internacional, em Hong Kong, que o investimento conjunto em África deve ascender até 2020 a dois mil milhões de dólares (200 mil milhões de kwanzas). “Estamos perante uma parceria entre China, Europa e África e este último continente é o principal destino do nosso investimento comum”, referiu.

O investimento, declarou, é partilhado em partes iguais pelas empresas e destina-se sobretudo às barragens que a Three Gorges vai ajudar a erguer.

Moçambique é um dos países amplamente mencionados como tendo em África um potencial hidroelétrico inexplorado, principalmente no vale do Zambeze, cujo aproveitamento pode tornar aquele país num importante exportador de energia eléctrica para os países vizinhos.

Angola tem vindo igualmente a definir como prioritário o aumento da capacidade de electricidade, dispondo para isso de importantes bacias hidrográficas, como as do Kwanza ou Cunene também em grande medida inexploradas.

A EDP já tem uma presença em África e na América Latina e pode vir a entrar em projectos no mercado asiático, onde a China Three Gorges está interessada em expandir-se.

Adam Cheng, advogado da firma norte-americana Skadden, Arps, Slate, Meagher & Flom, que representou a Three Gorges na privatização da EDP, afirmou ao “South China Morning Post” que a expansão internacional está na raiz do negócio. “Embora a Three Gorges seja famosa pela barragem ‘das três



Chineses e portugueses unem capitais e tecnologia para fazer investimentos em mercados da produção e fornecimento de electricidade

gargantas’ é uma empresa local e quer associar-se a um parceiro com experiência internacional”, disse.

João da Silva, parceiro gestor da sociedade de advogados Morais Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva & Associados, que representou a EDP na privatização, a maior desde sempre em Portugal, afirmou que o negócio prevê a entrada neste país de grandes do Banco Industrial e Comercial da China e do Banco da China.

A Three Georges, além de pagar 2,69 mil milhões de euros (algo mais do que 355 mil milhões de kwanzas) por 21,35 por cento da EDP, comprometeu-se a investir

até 2015 dois mil milhões de euros (264 mil milhões de kwanzas) nos projectos de energias renováveis da EDP. A EDP Renováveis, detida agora em 49 por cento por uma subsidiária da Three Gorges, a CWEI (Hong Kong), está presente em 11 países e é considerada a terceira maior empresa do mundo em energias renováveis.

João Neto, presidente da EDP Renováveis, referiu recentemente que a EDP mantém o objectivo de alienar, ainda este ano, mil milhões de euros (132 mil milhões de kwanzas) em activos à China Three Gorges e que já estão identificadas as outras participações minoritárias

que vão ser cedidas ao accionista de referência da EDP. A presidente da EDP Brasil, Ana Maria Fernandes, já tinha revelado que o mercado brasileiro estava a ser analisado pelo grupo chinês com destaque para a produção hidroelétrica que tem também em mira os mercados africanos. A empresa estatal Participações Públicas (Parpública) vendeu no início do ano a investidores institucionais a participação de 4,144 por cento que o Estado português ainda detinha no grupo EDP.

Os chineses chegaram a fazer uma proposta para este último lote de acções, mas a Parpública recusou devido ao preço oferecido.